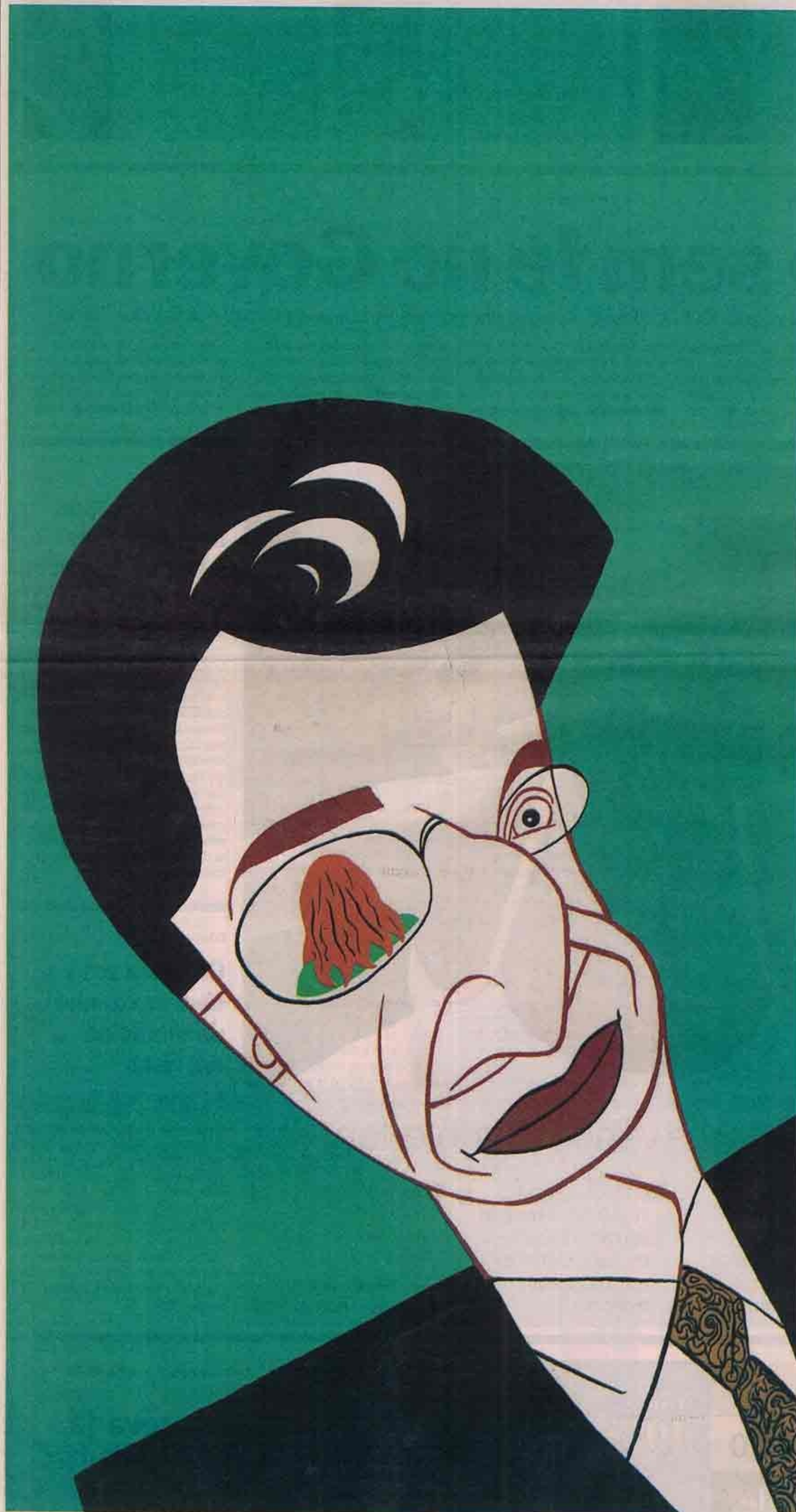




CARLOS MAGNO

FIGURA DA SEMANA MANUEL MARIA CARRILHO

O auto-retrato



De repente, Manuel Maria Carrilho virou-se para mim e perguntou-me: «Lembra-se do auto-retrato que você me pediu que eu escrevesse para o *Diário de Notícias*? Está lá tudo explicado!...

Foi na passada quarta-feira, quando jantávamos num restaurante próximo do Ministério da Cultura, que Manuel Carrilho se lembrou de trazer à conversa esse texto que começa com uma citação de Marcel Proust: «A vida é errante, sedentária é a memória.» Trata-se de um auto-retrato escrito em Setembro de 97, quando o Governo Guterres vivia ainda um estado de graça já fora do seu prazo de validade e o ministro Carrilho era remodelável pela imprensa quase todas as semanas.

«Comecei a ser remodelável antes mesmo de tomar posse», recordou ele nessa conversa de quarta-feira em que falámos demoradamente do tédio que a nossa vida política suscita. Percebi que Carrilho estava já sem adversários à vista e apeteceu-me citar-lhe a célebre frase de Cavaco Silva: «Assim não dá gozo.» Mas quando ele me disse que já tinha cumprido a sua parte do programa de governo e que queria regressar à Universidade onde aliás fez, discretamente, uma brilhante carreira respondi-lhe: «Não conheço ninguém que tenha saído definitivamente da política!...» Lembrei-lhe ainda que ele é deputado eleito pelo Porto e, sem pestanejar, o então quase ex-ministro garantiu-me: «Vou para o Parlamento, naturalmente! Devo isso à cidade e ao círculo que me elegeram!...»

Espero que cumpra o seu dever de agitar uma Assembleia onde sempre foi mal recebido e que está cada vez mais bloqueada pelo seu próprio regimento. Não imagino que alguma vez alguém o apanhe a bocejar na última fila da bancada governamental, mas se algum fotógrafo conseguir essa imagem pode-se seleccionar desde já uma legenda tirada de um parágrafo em que ele próprio falava da ingénua tentação de escrever o tal auto-retrato: «A ingenuidade decorre de se pensar que é possível impor no espaço público, e pelo simples recurso ao estratagemas da autenticidade, uma qualquer versão única do que quer que seja. Mas ela releva também de que não é a verdade que modela e organiza o espaço intersubjectivo em que, seja a que título for, podemos dizer quem somos, mas a ficção.»

Citando Sartre, que dizia ser o homem o único ser cuja essência é não ter essência nenhuma, Carrilho reivindicava nesse auto-retrato a possibilidade de se ser tudo desde que tenhamos duas coisas: «liberdade e acção».

Por isso, há três anos, escreveu Carrilho de si próprio: «Sou hoje, como toda a gente, o resultado de uma cadeia de acontecimentos em que o fundamental foram as minhas opções concretas, todas elas, sejam de raiz pessoal, de índole profissional ou de matriz política: seguir filosofia ou direito, casar ou não, como ser pai ou filho, irmão ou amigo, continuar na universidade ou arriscar na política, dizer ou silenciar o que penso, ficar ou partir, etc., etc...»

Cada opção nos define e só ela nos diz quem, afinal, somos – mas isto é instantâneo, em geral só um pouco mais adiante se descobre o que ficou para trás.

Esse lastro não dá, no entanto, um auto-retrato, ele esboça apenas uma imagem em aberto, em que tudo se declina em radicais formas de contingência. É isso a vida. O auto-retrato, pelo contrário, é o começo da morte, ele é sempre, queira-se ou não, um subtil exercício de dedicação póstuma.»

Quando ontem reli este auto-retrato de Carrilho ao meu amigo Carlos Amaral Dias, o grande psicanalista comentou: «Fantástico! Carrilho é brilhante. E tomou uma decisão Bárbara.»

Carlos Magno é subdirector do DN e escreve neste espaço aos domingos